

A MARCA DO ASSASSINO

DANIEL SILVA

A MARCA DO ASSASSINO

Tradução de
LUÍS SANTOS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Para Esther Newberg, minha agente literária e amiga.
E, como sempre, para Jamie, que torna tudo possível,
e para os meus filhos, Lily e Nicholas*

*Conhecereis a verdade
E a verdade libertar-vos-á.*

Divisa da Central Intelligence
Agency, retirada do Evangelho
segundo São João.

*Conhecereis a verdade
E a verdade lixar-vos-á.*

Versão dos agentes.

PRÓLOGO

FRONTEIRA AUSTRO-CHECA: AGOSTO DE 1968

O holofote percorreu o campo aberto. Estavam deitados numa vala no lado checo da fronteira: um homem, uma mulher e um adolescente. Nas noites anteriores, outros tinham passado por ali — dissidentes, reformistas, anarquistas — na esperança de fugir aos russos que haviam invadido a Checoslováquia e esmagado a experiência de liberdade levada a cabo por Alexander Dubček, já conhecida como «primavera de Praga». Alguns conseguiram. A maior parte tinha sido detida. O próprio Dubček fora sequestrado e levado para a União Soviética. Segundo os exaltados boatos que corriam, havia quem tivesse sido levado para um batatal próximo e fuzilado.

As três pessoas na vala não estavam preocupadas com o facto de conseguirem ou não fugir. Tinham-lhes ordenado que fossem àquela hora e garantido que a passagem para o Ocidente correria sem problemas. Não tinham motivos para duvidar do que lhes fora dito, pois os três eram agentes do Comité Soviético para a Segurança do Estado, mais conhecido como KGB.

O homem e a mulher serviam no Primeiro Diretório do KGB. As suas ordens eram infiltrarem-se nas comunidades de checos e russos dissidentes no Ocidente.

O rapaz estava ligado ao Departamento V, os assassinos.

O homem rastejou até ao cimo da vala e perscrutou a noite. Deitou o rosto na erva fresca e húmida quando a luz lhe passou por cima. Com o regresso da escuridão, voltou a erguer-se e observou. Uma meia-lua pairava no horizonte, o que garantia luz suficiente para se ver com clareza: a torre de vigia, a silhueta do guarda fronteiriço, um segundo polícia a caminhar ao longo do carreiro de gravilha que dava acesso à vedação.

O homem olhou para o mostrador luminoso do relógio. Virou-se e murmurou em checo:

— Fiquem aqui. Vou ver se eles estão prontos.

Rastejou sobre o topo da vala e desapareceu.

A mulher olhou para o rapaz. O jovem não tinha mais do que dezasseis anos e ela passara as noites acordada com fantasias sexuais com ele desde a sua chegada à Checoslováquia, havia três semanas. Era demasiado bonito para rapaz: cabelo preto, olhos azuis profundos, como um lago siberiano. A tez era pálida, quase branca. Até àquela noite, nunca estivera numa missão, mas não mostrava sinais de medo. Apercebeu-se de que ela o fitava. Respondeu-lhe ao olhar com uma franqueza animal que a fez arrepiar-se.

O homem regressou dali a cinco minutos.

— Depressa — disse. — Venham depressa e não digam nada.

Estendeu a mão e puxou a mulher para fora da vala. Ofereceu ajuda ao rapaz, que a recusou e saiu pelos seus meios. O guarda fronteiriço juntou-se a eles na vedação. Caminharam cinquenta metros, até ao local onde o arame fora cortado. O guarda puxou a rede e, um a um, os três agentes do KGB entraram na Áustria.

Os agentes de controlo do Centro de Moscovo haviam-lhes definido os movimentos. Teriam de andar até à aldeia mais próxima e encontrar um polícia austríaco. Pela experiência, sabiam que os agentes seriam levados para um centro de detenção com outros refugiados de Leste. O interrogatório por parte dos agentes de segurança austríacos seria inevitável, para garantir que não eram espões. As identidades checas tinham demorado meses a serem construídas; não tinham falhas. Se tudo corresse de acordo com o plano, dali a semanas seriam enviados para o Ocidente e dariam início à missão que lhes fora atribuída pelo KGB.

O Departamento V tinha outros planos para o rapaz.

Não havia segurança do lado austríaco da fronteira. Cruzaram um campo aberto. O ar estava denso com o fedor a estrume e o estrepito dos grilos. A paisagem escureceu quando a Lua se ocultou por trás das nuvens. A vereda encontrava-se exatamente onde os agentes de controlo tinham indicado. Quando chegarem à estrada, dirijam-se para sul, tinham-lhes dito. A aldeia fica nessa direção, a três quilómetros de distância.

O caminho era irregular e estreito, quase sem largura suficiente para uma carroça, e ondulava ao acompanhar a paisagem suave. Caminharam com rapidez, o homem e a mulher à frente, o rapaz alguns passos mais atrás. Meia hora depois, o horizonte tremeluzia com o brilho de candeeiros. Em seguida, o campanário de uma igreja deixou-se ver por cima de uma colina baixa.

Foi então que o rapaz levou a mão ao casaco, retirou uma pistola com silenciador e alvejou o homem na nuca. A mulher virou-se depressa, os olhos arregalados de terror.

O braço do rapaz ergueu-se e, rapidamente, ele disparou-lhe três vezes contra o rosto.

PARTE UM
OUTUBRO

AO LARGO DE LONG ISLAND,
NOVA IORQUE

Tentaram na terceira noite. A primeira não fora adequada: céu carregado, chuva intermitente, rajadas de vento. A segunda noite esteve limpa, com uma boa lua, mas um vento frio de noroeste encrespou demasiado o mar. Até mesmo o iate de mar alto foi lançado de um lado para o outro. Seria infernal a bordo do pequeno bote baleeiro. Uma vez que precisavam de um mar calmo para levar a cabo o que tinham a fazer, afastaram-se mais da costa e passaram uma noite de enjoo à espera. Nessa manhã, a terceira alvorada, a previsão do estado do tempo para a costa foi prometedora: vento fraco, mar calmo, uma frente de progressão lenta com bom tempo na sua esteira.

A previsão mostrou-se acertada.

A terceira noite estava perfeita.

O seu nome verdadeiro era Hassan Mahmoud, mas ele sempre o considerara inócuo para um guerreiro da liberdade islâmico; por isso, oferecera-se a si próprio um *nom de guerre* mais audaz, Abu Jihad. Nascera na Faixa de Gaza e tinha sido criado por um tio na cidade de Gaza. A sua política fora moldada pelas pedras e pelo fogo da Intifada. Aderiu ao Hamas, lutou contra israelitas nas ruas, sobreviveu a dois irmãos e perdeu a conta a quantos amigos. Ele próprio foi ferido

uma vez, ficando com o ombro direito destroçado por uma bala do exército israelita. Os médicos disseram que nunca recuperaria o uso total do braço. Hassan Mahmoud, também conhecido por Abu Jihad, aprendeu a atirar pedras com o braço esquerdo.

O iate tinha trinta e três metros de comprimento, com seis cabanas privadas, um salão amplo e um convés de popa suficientemente grande para albergar uma festa de sessenta pessoas. A ponte era topo de gama, com sistemas de navegação e comunicação por satélite. Fora concebida para uma tripulação de três elementos, mas dois homens capazes poderiam dar conta do assunto com facilidade.

Tinham zarpado oito dias antes do minúsculo porto de Gustavia, na ilha caribenha de Saint-Barthélemy, e navegado sem pressas ao longo da costa leste dos Estados Unidos. Mantiveram-se bem ao largo das suas águas territoriais, mas não deixaram de sentir o leve toque da vigilância americana durante a viagem: o avião *P-3 Orion* que os sobrevoava todos os dias, os barcos da Guarda Costeira dos EUA que cortavam as ondas no mar aberto à distância.

Tinham uma história preparada para o caso de serem abordados. O navio estava registado em nome de um abastado investidor francês, e deslocavam-se das Caraíbas para a Nova Escócia. Aí, o francês subiria a bordo do iate, acompanhado por um grupo de doze pessoas, para um cruzeiro de um mês nas Caraíbas.

Não havia qualquer francês — fora criado por um agente de um serviço secreto aliado — e, seguramente, não havia nenhum grupo de doze elementos.

Quanto ao Canadá, não faziam sequer tenção de se aproximarem.

Nessa noite, limpa e bastante fria, agiram em condições de ocultação de luzes. A meia-lua brilhante garantia luz suficiente para que se deslocassem com facilidade nos conveses. O motor estava desligado, para o caso de um avião ou um satélite equipado com infravermelhos passar por cima do barco. O iate ondulava suavemente no mar calmo.

No salão escurecido, Hassan Mahmoud fumava, nervoso. Vestia *jeans*, ténis *Nike* e um pulôver de lã da L. L. Bean. Ergueu o olhar para o outro homem. Estavam juntos havia dez dias, mas o companheiro falava apenas quando necessário. Certa noite quente, ao largo da costa do estado da Geórgia, Mahmoud tentara meter conversa. O homem limitara-se a resmungar e dirigira-se para a sua cabina. Nas raras ocasiões em que comunicava verbalmente, falava com o árabe correto e átono de quem estudara a língua com afinco sem, no entanto, ter dominado as subtilezas. Quando Mahmoud lhe perguntou o nome, o homem passou a mão pelo cabelo negro curto, esfregou o nariz e respondeu que, se fossem necessários nomes, poderia chamar-lhe Yassim.

Não era, de todo, um Yassim. Mahmoud era bastante viajado para um rapaz dos campos de Gaza; o ofício do terror a isso o obrigava. Tinha estado em Roma e em Londres. Passara muitos meses em Atenas e escondera-se em Madrid com uma célula palestina durante todo um inverno. O homem que desejava ser chamado Yassim e que falava com uma pronúncia estranha não era árabe. Enquanto o observava, Mahmoud tentou atribuir uma origem geográfica e étnica à mistura de feições estranhas que o cúmplice silencioso possuía. Olhou para o cabelo: quase preto, com laivos grisalhos nas fontes. Os olhos eram de um azul penetrante, a tez tão pálida que era quase branca. O nariz era comprido e estreito — *o nariz de uma mulher*, pensou —, os lábios cheios e sensuais, as maçãs do rosto largas. *Talvez grego*, pensou, *talvez italiano, ou espanhol. Talvez turco, ou curdo*. Durante um momento insano, chegou a pensar que fosse israelita. Mahmoud observou o homem que desejava ser chamado Yassim a desaparecer pela escada para o convés inferior. Regressou dois minutos depois com um objeto comprido e esguio.

Mahmoud tinha apenas um nome para ele: *Stinger*.

Quando falou, Yassim tratou Mahmoud como se este não percebesse nada de mísseis *Stinger*. No entanto, Mahmoud conhecia-os bastante bem. Sabia que a versão do míssil de lançamento ao ombro tinha um metro e meio e pesava exatamente dezassete quilos e duzentos e cinquenta gramas. Sabia que possuía sistemas de orientação

de busca de calor, de infravermelhos e ultravioleta passivos. Sabia que o alcance efetivo era de cerca de cinco quilómetros. Nunca disparara uma dessas armas, eram demasiado preciosas e caras para se desperdiçarem com um teste, mas treinara dezenas de horas e sabia o que esperar.

— Já foi programado para procurar um avião grande de quatro motores — dizia Yassim. — A ogiva foi preparada para penetrar no alvo antes de explodir.

Mahmoud aquiesceu e não disse nada.

— Aponta o míssil ao alvo — explicou Yassim pacientemente, no seu árabe monocórdico. — Quando o sistema de orientação encontrar o alvo e se fixar, vais ouvir um som no ouvido. Quando ouvires o sinal, dispara.

Mahmoud tirou outro *Marlboro* e ofereceu um a Yassim, que recusou com um gesto da mão e prosseguiu com a palestra.

— Depois de o míssil ser disparado, deixa o tubo de lançamento vazio no bote e regressa ao iate.

— Disseram-me para atirar o tubo à água — replicou Mahmoud.

— E eu estou a dizer-te para o trazeres para aqui. Quando o avião cair, os americanos vão varrer o leito do oceano com sonar. É bem provável que o encontrem. Por isso, trá-lo contigo. Livramo-nos dele mais ao largo.

Mahmoud aquiesceu. Recebera ordens diferentes, mas a explicação para a mudança de planos era razoável. Não disseram nada durante vinte minutos. Mahmoud brincou com o punho do tubo de lançamento do *Stinger*. Yassim serviu-se de café e bebeu-o no convés da popa ao ar frio da noite.

Depois, Yassim subiu até à ponte e escutou o rádio. Mahmoud, ainda instalado no salão, podia ouvir as indicações secas dos controladores aéreos do Aeroporto Internacional JFK.

Dois barcos mais pequenos estavam amarrados à ré do iate, um barco de borracha *Zodiac* e um bote baleeiro de Boston, o *Dauntless*, com seis metros. Mahmoud desceu até junto à água, puxou o bote mais para o iate e passou por cima da amurada para os bancos da frente. Yassim seguiu-o pelas escadas e entregou-lhe o *Stinger*.

O bote baleeiro tinha uma consola dupla, dividida por uma passagem que ligava os bancos da frente dos posteriores. Mahmoud pousou o *Stinger* no convés da ré, sentou-se aos comandos e ligou o motor. Yassim soltou a embarcação, atirou a corda para o convés e empurrou o barco mais pequeno com um movimento rápido do pé.

Mahmoud acelerou e o bote baleeiro cruzou a água em direção à costa de Long Island.

O Voo 002 da TransAtlantic Airlines parte todas as noites do Aeroporto Internacional JFK às 19h00 e chega a Londres na manhã seguinte às 6h55. O comandante Frank Hollings já perdera a conta às vezes que fizera a viagem, muitas delas no mesmo *Boeing 747* que pilotaria nessa noite, o *N75639*. A aeronave foi a centésima quinquagésima a sair da linha de montagem dos *Boeing 747*, em Renton, Washington, e tivera poucos problemas durante as suas três décadas no ar.

A previsão meteorológica indicava bom tempo durante a maior parte do percurso e uma aproximação chuvosa a Heathrow. Hollings esperava um voo calmo. Às 6h55, a chefe de cabina informou o comandante Hollings de que todos os passageiros se encontravam a bordo. Exatamente às 7h00, ele ordenou que se fechassem as portas da aeronave e o Voo 002 da TransAtlantic afastou-se do portão de embarque.

Mary North dava aulas de inglês na Bay Shore High School de Long Island e era conselheira do Clube de Teatro. Na altura, acompanhar os membros do clube a Londres para cinco dias de teatro e de turismo parecera uma boa ideia. O projeto exigira mais esforço do que imaginara: inúmeras vendas de bolos, lavagens de carros e rifas. Mary pagara as suas próprias despesas, mas isso significou ter de deixar o marido e os dois filhos nos Estados Unidos. John ensinava química na Bay Shore, e o orçamento familiar não permitia uma viagem a Londres para alguns dias de teatro.

Os alunos pareciam animais. Tivera início na carrinha a caminho do aeroporto: os gritos, a música *rap* e os Nirvana aos berros nos auscultadores. Os seus filhos tinham quatro e seis anos, e todas as noites ela rezava para que não chegassem à puberdade. Agora, os alunos estavam a atirar pipocas uns aos outros e faziam comentários sugestivos sobre as assistentes de bordo. Mary North fechou os olhos. *Talvez se cansem rapidamente*, pensou. *Talvez durmam*.

Uma pipoca foi bater-lhe no nariz.

Talvez tenham perdido a cabeça de vez, Mary, pensou.

Enquanto o Voo 002 se dirigia para o fim da pista, Hassan Mahmoud estava a bordo do *Dauntless*, cruzando as águas até ao extremo ocidental da Fire Island, a ilha esguia na costa sul de Long Island.

A viagem desde o iate decorrera sem percalços. A Lua baixa brilhava no céu oriental, o que lhe permitia navegar sem luzes. Do bairro de Queens, à sua frente, emanava uma pálida luz amarela.

As condições atmosféricas eram perfeitas: céu limpo, mar calmo, quase sem vento. Mahmoud confirmou o indicador de profundidade e desligou o motor. O *Dauntless* deslizou sobre as águas até parar. À distância, podia ouvir o ronco de um navio de carga a sair do porto de Nova Iorque. Ligou o rádio e sintonizou a frequência adequada.

Cinco minutos depois, Mahmoud ouviu o controlador aéreo dar ao Voo 002 da TransAtlantic a autorização final para a descolagem. Pegou no *Stinger* e ligou os sistemas de disparo e de orientação. Depois colocou-o ao ombro e olhou para o céu noturno através do mecanismo de pontaria.

Mahmoud ouviu o avião antes mesmo de o conseguir ver. Dez segundos depois, avistou as luzes de navegação do 747 e seguiu-as pelo firmamento negro. Então, ouviu o sinal sonoro que o avisava de que o *Stinger* se fixara no alvo.

O bote baleeiro agitou-se com violência quando o combustível sólido do *Stinger* se inflamou e o míssil deixou o tubo de lançamento com um rugido. «Os americanos gostam de chamar ao seu precioso *Stinger* uma arma de disparar e esquecer», dissera-lhe o instrutor

durante uma das sessões de treino. O instrutor era um afegão que perdera um olho e uma mão a matar russos. *Disparar e esquecer*, pensou Mahmoud. Disparar e esquecer. Tão simples quanto isso.

Agora vazio, o tubo de lançamento era bastante mais leve. Largou-o para o convés, tal como Yassim lhe dissera para fazer. Depois ligou o motor do bote e afastou-se velozmente da costa, olhando brevemente sobre o ombro para ver o *Stinger* que rasgava o manto negro da noite a uma velocidade supersônica.

O comandante Frank Hollings pilotara bombardeiros *B-52* sobre o Vietname do Norte e já vira mísseis terra-ar. Durante um breve instante, permitiu-se acreditar que poderia ser outra coisa, um avião pequeno em chamas, um meteoro, fogo de artifício desgarrado. Depois, à medida que o míssil se aproximava deles como um raio, apercebeu-se de que não podia ser mais nada. O cenário de pesadelo tornara-se realidade.

— Santa Mãe de Deus — murmurou. Virou-se para o copiloto e fez menção de falar.

O avião estremeceu com violência. No instante seguinte, foi rasgado por uma potente explosão e sobre o mar choveu fogo.

Quando ouviu o *Dauntless* a aproximar-se, o homem chamado Yassim acendeu rapidamente uma poderosa lanterna de sinalização três vezes. O barco mais pequeno ficou à vista. Mahmoud reduziu a potência e o *Dauntless* deslizou até à popa do iate.

Mesmo sob o luar fraco, ele podia ver a expressão no rosto do rapaz: o entusiasmo febril, o medo, a excitação. Era visível nos brilhantes olhos palestinos de um castanho profundo, nas mãos agitadas que percorriam os controlos do *Dauntless*. Por sua conta, Mahmoud passaria a noite em claro, e o dia seguinte também, a reviver o momento, a recontar cada pormenor, a explicar vezes sem conta como se sentira no instante em que o avião irrompera em chamas.

Yassim detestava ideólogos, abominava a forma como envergavam o sofrimento como uma armadura e disfarçavam o medo com

uma máscara de coragem. Desconfiava de todos os indivíduos que se dispunham a ter uma vida assim. Apenas confiava em profissionais.

O *Dauntless* bateu ao de leve na popa do iate. O vento aumentara de intensidade nos últimos minutos e ondas suaves chapinhavam no casco dos barcos. Yassim desceu a escada enquanto Hassan Mahmoud desligava o motor e tentava trepar para a zona dos bancos. Estendeu a mão para que o outro o ajudasse a sair do barco, mas Yassim limitou-se a sacar da cintura das calças de uma pistola *Glock* de 9 mm com silenciador e alvejou rapidamente o jovem palestino três vezes no rosto.

Nessa noite, estabeleceu a rota do iate para oriente e ligou o sistema de navegação automática. Ficou acordado na sua cabina, deitado na cama. Mesmo agora, depois de mortes incontáveis, não conseguia dormir na primeira noite após um assassinio. Quando fugia, ou quando ainda estava em público, conseguia sempre manter-se concentrado e frio. Mas à noite chegavam os demónios. À noite via os rostos, um a um, como fotografias num álbum. Primeiro vivos e vibrantes, depois contorcidos com o véu da morte, ou desfeitos pelo seu método preferido de matar, três balas no rosto. Então chegava a culpa, e ele dizia para consigo que não escolhera aquela vida; fora escolhida para si. De madrugada, com o primeiro raio de luz da alvorada a espreitar pela janela, acabou enfim por adormecer.

Levantou-se ao meio-dia e deu início à rotina dos preparativos para a partida. Barbeou-se e tomou duche, depois vestiu-se e guardou o resto da roupa numa pequena mala de pele. Fez café e bebeu-o enquanto via a CNN no magnífico sistema de televisão via satélite do iate. Era uma pena: a dor dos familiares no Kennedy e em Heathrow, a vigília numa escola secundária algures em Long Island, os jornalistas que especulavam desvairadamente quanto à causa do acidente.

Percorreu uma última vez cada cabina do iate, para confirmar que não deixara vestígios da sua presença. Verificou as cargas explosivas.

À hora exata que lhe tinha sido indicada, seis da tarde, pegou num pequeno objeto preto de um armário na cozinha da embarcação. Não era maior do que uma caixa de charutos e assemelhava-se vagamente a um rádio. Levou-o para o exterior, para o convés da popa, e pressionou um único botão. Não se ouviu qualquer som, mas sabia que a mensagem fora enviada através de um microimpulso codificado. Mesmo que a NSA americana a intercetasse, não passaria de uma algaraviada incompreensível.

O iate rumou a oriente durante mais duas horas. Eram oito da noite. Programou as cargas e vestiu um colete de lona com um mosquetão pesado de metal à frente.

A noite estava mais ventosa, o ar mais frio e havia nuvens altas. O *Zodiac*, amarrado em cunho na popa, subia e descia ao ritmo das ondas de um metro. Entrou para o barco de borracha, soltou-o e puxou a corda de arranque do motor, que ganhou vida à terceira tentativa. Afastou-se do iate e acelerou.

Ouviu o helicóptero vinte minutos mais tarde. Desligou o motor do *Zodiac* e apontou uma lanterna de sinalização para o céu. O helicóptero pairou por cima dele, enchendo a noite com as batidas dos rotores. Um cabo caiu-lhe do ventre. O homem prendeu-o ao colete e puxou duas vezes com força para indicar que estava pronto. No instante seguinte, era içado com suavidade do *Zodiac*.

Ouviu explosões à distância. Virou a cabeça a tempo de ver o grande iate a ser erguido da água pela força dos rebentamentos e depois começar a lenta descida até ao fundo do Atlântico.

SÃO FRANCISCO

O presidente James Beckwith foi informado da tragédia enquanto passava férias na sua casa em São Francisco. Esperara ter alguns dias de descanso: uma tarde calma no gabinete sobranceiro à Golden Gate Bridge, um jantar descontraído com velhos amigos e apoiantes políticos em Marin. Acima de tudo, um dia a velejar, a bordo da sua adorada galeota de onze metros, a *Democracy*, mesmo que isso significasse ser perseguido por um bando de repórteres e operadores de câmara da Casa Branca através das águas da baía de São Francisco. Os passeios diurnos na *Democracy* representavam sempre o tipo de imagens que os seus conselheiros políticos mais gostavam: o presidente, em forma e jovial apesar dos sessenta e nove anos, ainda capaz de manobrar o barco apenas com Anne a bordo; o rosto bronzeado, o corpo esguio a deslocar-se com leveza pelo convés, os óculos de sol elegantes de estilo europeu por baixo da pala do boné do *Air Force One*.

O gabinete privado na grande casa de Beckwith, no Marina District, refletia na perfeição o seu gosto e a sua imagem: elegante, confortável, tradicional, mas com suficientes toques modernos que transmitissem a noção de que se encontrava ligado ao mundo atual. A secretária era de vidro com um leve tom acinzentado, o computador, preto. Orgulhava-se em saber tanto de computadores como a maior parte dos seus quadros mais jovens, senão mais.

Levantou o auscultador do telefone preto e pressionou uma única tecla. Uma telefonista da Casa Branca ficou em linha.

— Sim, senhor presidente?

— A menos que o chefe de gabinete telefone, não me passe chamadas por agora, Grace. Gostaria de ter alguns momentos a sós.

— Com certeza, senhor presidente.

Ouviu a linha ficar muda. Pousou o auscultador e foi até à janela. Pesasse embora o vidro à prova de bala imposto pelos serviços secretos, a vista era espantosa. O Sol encontrava-se baixo no horizonte e banhava a cidade com tons suaves de púrpura e laranja. A neblina do fim de tarde atravessava a Golden Gate. Lá em baixo, papagaios de papel coloridos flutuavam sobre a margem da baía. A panorâmica exerceu a sua magia. O presidente perdeu a noção de quanto tempo ali esteve de pé, a observar a cidade silenciosa, as águas encrespadas da baía, as colinas castanhas de Marin à distância. A última luz do entardecer desapareceu e, após alguns minutos, ele era fitado pelo seu próprio reflexo no vidro.

Beckwith não gostava do termo «patrício», mas até mesmo ele tinha de admitir que era uma boa descrição da sua aparência e do seu porte. Os conselheiros gracejavam, dizendo que se Deus tivesse criado o candidato político perfeito seria ele, James Beckwith. Destacava-se onde quer que entrasse. Tinha mais de um metro e oitenta e a cabeça ainda coberta de cabelo cintilante que se tornara grisalho aos quarenta anos. Possuía uma aura de força, uma agilidade física que o acompanhava desde os dias de estrelato como jogador de futebol e de basebol em Stanford. Os olhos eram azul-claros e descaídos nos cantos, as feições estreitas e contidas, o sorriso ponderado mas confiante. A pele exibía um bronzeado permanente, fruto das horas que passava a bordo da *Democracy*.

Quando assumira a presidência, havia quatro anos, fizera uma promessa a si próprio: não deixaria que o cargo o consumisse, tal como acontecera com tantos dos seus antecessores. Corria trinta minutos por dia na passadeira e passava outros trinta a levantar pesos no ginásio da Casa Branca. Outros homens tinham-se tornado desleixados durante o mandato. James Beckwith tinha perdido peso e acrescentado dois centímetros de músculo ao peito.

Beckwith não procurara a política; tinha sido a política que o encontrara. Era o principal promotor de justiça do gabinete do Ministério Público de São Francisco quando chamou a atenção da elite republicana do estado. Com Anne e os três filhos a seu lado, Beckwith venceu com facilidade todas as corridas em que entrou. A ascensão parecera fácil, como se estivesse destinado à grandeza. A Califórnia elegeu-o procurador-geral, e depois vice-governador. Sentou-o no Senado durante dois mandatos e depois trouxe-o de volta a Sacramento para um mandato como governador, a preparação final para a entrada na Casa Branca. Ao longo da sua carreira política, os profissionais que o rodeavam foram construindo uma imagem cuidadosa. James Beckwith era um conservador de bom senso. James Beckwith era um homem em quem o país podia confiar. James Beckwith conseguia fazer coisas. Era exatamente o tipo de homem de que o Partido Republicano andava à procura, um moderado com feições agradáveis, uma alternativa decente aos conservadores de linha dura do Congresso. Depois de oito anos de controlo democrata da Casa Branca, o país estava disposto a mudar. O país escolheu Beckwith.

Agora, quatro anos depois, o país já não tinha a certeza de ainda o querer. Afastou-se da janela, dirigiu-se para a secretária e serviu-se de uma chávena de café de um jarro térmico cromado. Beckwith acreditava que todos os males vinham sempre por bem. Abater um avião comercial americano ao largo de Long Island era um ato flagrante de terrorismo internacional, uma ação cobarde e selvagem que não podia ficar sem resposta. Em breve, o eleitorado teria conhecimento daquilo que ele já sabia: o Voo 002 da TransAtlantic fora abatido por um míssil *Stinger*, ao que parecia lançado de uma pequena embarcação ao largo da costa. O povo americano ficaria assustado e, a julgar pelo passado, procuraria nele conforto e garantias.

James Beckwith detestava os jogos políticos, mas era esclarecido quanto bastava para perceber que os terroristas lhe tinham dado uma oportunidade de ouro. Ao longo do ano anterior, os níveis de contentamento em relação à sua presidência haviam descido abaixo dos cinquenta por cento, o que representava a morte de um presidente eleito. O discurso de tomada de posse na Convenção Nacional Republicana fora monótono e sem vida. A imprensa de Washington considerara a expectativa de Beckwith para o segundo mandato como um